

# Quem são os Primários?...

J. Sotero Caio, da equipe do Cei,  
Bélgica, Nov. 1978.

Acabo de ler aqui no "Le Monde" — (01/09/78, pág. 3) — a acusação de "primarismo e de demagogia" lançada ironicamente sobre o "Movimento contra o Custo de Vida" pelo Ministro da Fazenda, M. Henrique Simonsen, e pelo Governador de S. Paulo, P. Egydio Martins. A réplica bastante oportuna de D. Morelli, bispo auxiliar de São Paulo, vem também resumida pelo jornal da seguinte maneira: "Não é de admirar que o povo se revele primário em matéria de cultura, uma vez que ele nem sequer tem acesso aos bens de produção."

Seria bom, entretanto, examinar mais de perto de que lado se acha, não só neste caso mas na situação do Brasil e do mundo em geral, o primarismo real: se do lado do povo, ou do lado das elites que tão sumária e inconsideradamente o criticam. Mas, para tal exame, tenho de pedir ao leitor uma só coisa: que não aceite, de antemão, que a cultura só mereça respeito quando for proveitosa ao poder dos banqueiros. Pois esta é, no seu fundo mais oculto embora inconsciente, a premissa maior que comanda o raciocínio tanto do Sr. Ministro como do Sr. Governador, condicionados a denegrirem ambos o "Movimento contra o Custo

de Vida" mediante as duas pechas de primarismo e de demagogia.

Por outras palavras: 1º) tal Movimento é primário, segundo eles, porque não percebe — é claro — as sutilezas e as complicações ocultas nos processos econômicos atuais; 2º) tal Movimento é demagógico, ainda segundo eles, porque pretende alimentar no povo uma esperança impossível de realizar-se. A essência, portanto, de tais julgamentos consiste em aceitar como absolutamente dados o fato e os condicionamentos de uma realidade contra a qual os homens do povo radicalmente protestam: o poder exorbitante dos ricos e a complexidade concomitante dos problemas que a salvaguarda de tal poder implica. De modo geral, pois, a chamada cultura superior — contrária ao primarismo — e a objetividade desapaixonada — contrária à demagogia — baseiam-se atualmente, em última análise, na necessidade de levar em conta sabidamente (embora não sabiamente) a força permanente dos verdadeiros donos do dinheiro e, conseqüentemente, do poder, de um lado; como também, de outro lado, as intrincadas questões que a continuidade decidida já dos atuais príncipes do dinheiro levanta para os "especialistas", aparentemente neutros; que "sabem das coisas"... Não

é fácil, com efeito, estar bem consciente criticamente dos *motivos* pelos quais se pode ser hoje um economista respeitado, ou um governador sorteado num mundo tão complicado e iludido como o nosso.

A cultura superior e a objetividade não demagógica são, de fato, um *grandíssimo mistério* para os homens do povo. Mas em que núcleo obscuro e oculto se concentram, afinal, essa cultura sutilíssima e essa objetividade muito fria? É importante penetrar e compreender tal núcleo, para perceber de que lado se acha, de fato, o primarismo.

Digamos as coisas sem rodeios: a cultura superior e a objetividade fria das ciências contemporâneas circulam geralmente em torno da descoberta de valores longínquos capazes de esconder, enfeitando-as, aparências muito próximas. Isto porque a cultura que serve aos senhores possui, antes de tudo, algo a ocultar. Assim, por exemplo, o custo de vida se transforma em equação de altíssimo grau. E, transformado em equação, o custo de vida se enfeitiza, não custando de fato mesmo nada. Arrumado em quadros estatísticos bem montados, o custo não é mais custo de vida: é uma *parábola* (nos dois sentidos) formidável.

Consideradas neste nível, a Economia e a Política realmente em exercício no mundo atual nos revelam os seus *místicos segredos*. Os objetivos de ambas se reduzem, com efeito, a mostrarem as realidades, que os homens do povo vêem e sentem, a tal ponto complicadas que ninguém dentre eles se atreva a imaginá-las transformáveis. O papel portanto, da Economia complicada e da Política "realista" resume-se, essencialmente, em acumular tantas dificuldades e em exigir tantos documentos quantos forem necessários para que nada, no fundo das estruturas atuais, se resolva de fato. Por isso, é preciso acumular muitos "ciscos" nos olhos dos estudantes — sobretudo quando nascidos no meio mais humilde — para

não enxergarem a *trave mestra* que está por cima do edifício de todas as ciências atuais. Depois, é seguro que todos eles chamarão também os homens do povo de primários. Pois estes, coitados, não têm tempo disponível para filtrar os mosquitos, depois de esmagados pelas patas do camelo que seus filhos cultos engoliram.

Por outras palavras: à sutileza de nossa cultura e o realismo de nossa política, exercidas no fundo contra os homens do povo, consistem em coar os pernilongos que perturbam a marcha do camelo rico sobre o lombo do povinho pobre. De quem é então o primarismo? Quem é o cego básico, o cego essencial, primeiro e último? Os homens do povo que se machuca e grita sob o peso do camelo ou os guias deste, confortados e luzidios, que abanam os mosquitos ao ritmo lento e triunfal da marcha do camelo? Quem tiver consciência, que responda.

— x —

Para compreender bem toda a situação e atingir o nó da falsa acusação lançada contra o Movimento popular, é necessário distinguir o propriamente *essencial* do puramente *primário*. Isto é específico da cultura elitista, a saber: confundir aquilo que é *humanamente essencial* com aquilo que é *desprezivelmente primário*. Só dentro do horizonte das classes habituadas ao luxo — dadas ao hábito de só se preocuparem com o supérfluo e sem acesso ao mundo também essencial do *gratuito* — é que essa confusão acontece. Eis a definição do homem burguês: *o homem que perdeu toda sensibilidade para o essencial*. Quer dizer: tanto para o *aspecto essencial* da vida humana que se concretiza em comer, vestir, morar e procriar; como para o *segundo aspecto essencial* do ser humano que se realiza na alegria de criar e de doar-se à plena realização de si mesmo e dos seus semelhantes.

A cultura propriamente burguesa não tem nenhum sentido para as duas *dimen-*

sões essenciais do ente propriamente humano. Assim se explica que os homens traumatizados por tal cultura desprezam a primeira dimensão — (primeiro viver, como já dizia Aristóteles) — qualificando-a de primária. Tendo resolvido os problemas humanos implicados em tal dimensão por obra e graça da estrutura social injusta em que nasceram como privilegiados, os homens espiritualmente burgueses não podem perceber tais questões como essenciais. Para atingir tal percepção, precisa o burguês transmutar-se, como dizem os Evangelhos, por uma *metanóia*: uma conversão. Zaqueu passou por essa experiência e, por isso, abriu o jogo da burguesia quando disse: “Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres; e se em alguma coisa defraudei a outrem, restituo-lhe o quádruplo” (Lucas, XIX, 8). O que o burguês chama, portanto, de *primário* por sua *carência de sensibilidade humana profunda* nem por isso deixa de ser *essencial* para ele e para todos os homens em geral. O povo não pode se impressionar, de maneira nenhuma, pela hipocrisia da insensibilidade de suas elites.

Não. O homem do povo não é absolutamente primário quando grita contra o atual custo de vida. Pois o seu grito transporta a sensibilidade profunda de toda a humanidade. É somente em função desta *sensibilidade essencial* que têm sentido e adquirem real significação nossas verdadeiras expressões culturais, bem como todos os movimentos de uma determinada organização político-social. Fora de tal sensibilidade se acha, embora muitas vezes camuflado como zelo empreendedor ou como boa vontade sensiblista, o *verdadeiro primarismo cultural e político* dos que *morreram*, sem saber para a humanidade.

A vida burguesa, com efeito, só atinge e experimenta a cultura enquanto *divertimento* (Pascal) ou *neurose* (Freud). O burguês não faz cultura segundo as duas

dimensões essenciais do ser humano: a da *produção da vida* e a do *gozo na gratuidade*. A primeira dimensão é qualificada por ele como horizonte primário. A segunda dimensão como horizonte utópico e demagógico, impossível de realizar-se. Isto resulta da *atrofia* provocada nele pela *razão calculadora*. Esta só vê e percebe numerários da própria conta bancária. Ora, “*felicidade* — (como escreveu Freud) — é a realização subsequente de um desejo pré-histórico. É, por isso — (continua ele) — que a riqueza representa um papel tão insignificante na felicidade. O dinheiro não é um desejo de infância”. Em contraste com isto, eis como Fugger proclama, no séc. XVI, o advento da era capitalista, a era — (no sentido das palavras de Freud) — *mais infeliz do mundo*: “Agora — (descreve Fugger) — só se observa o dinheiro. Não a carroça ou o carregamento do navio, os canhões, tecidos, farinha, lã, cobre. Nada senão o dinheiro. Bens, animais, gente, tudo se transforma em capital e precisa multiplicar-se” (Freud e Flugger, citados por Schneider, “*Neuroses e Classes Sociais*”, Zahar, Rio, 1977, pág. 191). Compreende-se então porque o traumatismo burguês faz um homem morto para a humanidade.

Em suma: nunca se pode nem se deve confundir o *essencial* com o *primário*. Da mesma forma, não se pode nem se deve confundir o *complexo*, enquanto realidade de estrutura organicamente diferenciada porque rica de aspectos, com o *complicado*, enquanto realidade anárquica porque morbidamente deformada. Somente no nível da *cegueira inocente* ou da *hipocrisia retorcida*, — para esconder ao bom senso dos homens o jogo cruel e humanamente primário que massacra os pobres e os inocentes da vida — compreende-se que tais confusões possam se dar.

Para homens tornados então cegos ou hipócritas, as ciências e a reflexão não são mais instrumentos que lhes permitem

juízos retos, mas telas divertidas ou neuróticas que lhes permitem adiá-los. Trata-se, então, antes de tudo, — face a um problema essencial, como o do custo de vida — de encontrar aquele *jeitinho* graças ao qual se escapa do centro vital, onde tal problema comporta um SIM ou um NÃO.

— x —

Os economistas e os políticos complicados proclamam, pois, para os homens do povo: *“Acreditem na nossa palavra. Tudo o que lhes dizemos é a pura verdade. Todos os cientistas e tantos homens cultos, que nós nutrimos até hoje, trabalharam unicamente pra vocês. Mas vocês não se acham em condições de repensar todas as suas dificuldades, nem de refazer do começo todos os seus métodos e caminhos. Vocês devem, portanto, acreditar nos resultados obtidos e comprovados cientificamente por esses homens tão desinteressados e puros. São os homens da Razão. Falam em nome dela somente. São nossos “sires”, nossos barões assinalados. Separados do comum dos mortais, só eles detêm os segredos da Verdade e da Justiça.”*

Bela prosopopéia, de fato. Acontece, porém, que o povo começa a se cansar de tanto esperar. Porque o milagre do desenvolvimento não o atingiu. Tendo aceito viver, em nome de sua religiosidade, sob os apelos enganosos de uma *auto-segurança infantil* — o medo do comunismo —, só os saldos dos “sacrifícios eternos” ficaram para ele. Nunca os benefícios. Anunciados agora para sua vida terrena. Não para depois da morte, como acontecia no passado. E assim continua longe demais o tempo concreto que sua esperança poderia depositar em vão num milagre que se anunciou sempre (e deveria ser) palpável.

Não há dúvida. O povo e mesmo nosso exército — em tudo aquilo que ele tem ainda de popular — foram confiantes de-

mais. Acreditaram nos clérigos da tecnocracia. Acreditaram que os mais dignos e os mais sábios para o comando os comandavam de fato. E que tal comando se justificava, era legítimo, por causa da possessão pelos tecnoclérigos de *altos valores científicos e culturais*, que se acham interditos ao povo. Assim, o povo pensou que, por causa da sua reconhecida *incompetência* de natureza física e moral (e não por causa de sua situação social), ele não podia nem devia opinar. Sob a atmosfera envenenada pelos tecnoclérigos, o povo se inculiu candidamente do sentimento de sua própria inferioridade. Durante esse tempo, os economistas e os políticos complicados — os tecnoclérigos —, com suas equações e manobras sutis de bastidores, *desnortearam os filhos do povo*, fechando-lhes a porta da verdadeira ciência e barrando-lhes o caminho para a consciência de seus imensos valores. *Analfabetizaram* verdadeiramente o povo. *Sub-primariamente*. Até o ponto de muitos do povo como o “Rei” Pelé, sinceramente — pensarem que o povo não era capaz de opinar.

Mas chega a hora da verdade. Chega a hora em que o *essencial subverte o complicado*. E então este último se mostra — como agora se dá — a serviço de um *barbarismo sofisticado*. Não da cultura realmente vital, que consiste no *desenvolvimento global de todos os seres humanos*. A classe dos bárbaros, aureolada pelo *tecnoclero*, possui um arremedo de cultura, divertida e neurótica, para poder com ela dominar tranqüilamente a maioria do povo.

Contudo, não adianta mais hoje o veneno de todo o *desdém dos tecnoclérigos* contra a gente do povo. O povo conhece bem quem são os verdadeiros demagogos. Pois, neste momento da história, a consciência humana já dispõe de luzes suficientes para perceber de que lado se acha, o barbarismo e o primarismo, a violência e a incultura.